

À Biblioteca Pública de Braga

23
DEZEMBRO
1972

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

PÁGINA HUMANA

(CONTO DE NATAL)

Ela era loura. No dia em que cortou as tranças fe-lo para agradar ao Nêlito, rapaz de 18 anos, olímpico, inteligente, original, com uma noção de Vida: diferente; elegante; desprezível. Seria, ou foi, essa concepção do Nêlito sobre a Vida que levou Aurora a pedir aos pais o corte do cabelo.

Há quarenta anos que isto sucedeu!...

Afinal, o Nêlito não gostara. O amargo que demonstrou deixou-a perplexa. Ele, que era m o d e r n i s t a... E chorou a noite inteira.

A roca do tempo fiou um ano. Um dia ela foi toda ele, inteira, sem r e m o r s o, sem tergiversação, sem arrependimento. E os dias, os meses que se seguiram-ano e meio de enlêvo — bateram todos os máximos do amor, do desejo e da ansiedade.

Quando veio o filho, a madrinha, em Viseu, acolheu-a solícita, sem recriminação, razoável, convicta. E tudo sossegou de arremedios, de

iras, de ameaças que então houveram em casa. E Nêlito veio a Viseu várias vezes ver o filho e a sua Aurora.

* * *

O Livro da Existência regista factos idênticos, semelhantes, análogos, executados a papel químico, sem uma única discrepância. E o Livro da Existência tinha escrito que Aurora, loura, linda, arrebatada e sensual teria de deslizar pelo plano inclinado da virtude.

Um dia, Nêlito, de surpresa foi encontra-la em Viseu, enlaçada no filho da madrinha — um rapagão forte, anelante, brutal e anamorado. Era o fim!

Aurora fugiu. De degrau em degrau desceu a escada do dissabor, da arrelia, da degradação, mas não da miséria. Ela era culta. Falava três idiomas, sabia música, cantava, bordava e pintava. E quando numa noite gelada de 31 de Dezembro enovelava a sua vida em «tête-à-tête» amigo, de sinceridade, não chorou, sequer. Mas teve esta frase que definiu a sua personalidade e jamais esqueço:

— Nunca me arrependo

daquilo que faço. Apenas do que não consigo fazer!

Pobre Aurora, que até tivera de tracar o nome. Chamar-se-ia Branca e durante vinte anos foi a m a n t e do Conde de... que, em testamento, lhe legou mil escudos mensais de pensão, na esperança de que ela renunciaria ao pior da sua vida.

Mas o Livro da Existência tinha escrito. E Branca continuou no emaranhado dos «bas-fonds», divertindo-se. Hoje um, amanhã outro — tudo lhe serviu para transitar na Vida, entre o intelecto e a materialidade.

Tudo que tinha — dizia ela — era cabeça e matéria. Assim vivia, entre um montão de livros — num apartamento luxuoso — simples, com escarpate recheado de obras clássicas — e a boémia nocturna de simpáticos amigos e fagueiras ilusões.

A 31 de Dezembro (oito dias depois) no seu apartamento, luxuosamente simples, Aurora desfiava o rosário da sua vida em bem urdida série de reminiscências, sem uma lágrima, ora sorrindo, ora iracunda, numa amal-

«Continua na 4.ª página»

Contrastes e Contradições

Estava a nossa época reservada para servir de cenário ao anacrónico ressurgimento do sequestro de pessoas, para satisfação de determinadas exigências de natureza puramente política. Esta forma agressiva de acção, característica de sociedades primitivas, parecia pertencer para sempre ao passado. Mas, não.

A história do feudalismo europeu está recheada de episódios mais ou menos pitorescos de ratos de nobres e donzelas, intuito de obter resgates de montante considerável. Tais práticas, julgadas absoletas no nosso século, reapareceram de uma maneira incrível.

A ausência de normas jurídicas, a inexistência de uma autoridade à escala nacional e os temores constantes dos senhores feudais, na contingência de virem a ser absorvidos por outros mais fortes, legitimavam de certo modo estas práticas. Conta-nos López de Ayala que, tendo o Príncipe Negro de Inglaterra aprisionado, em combate, o futuro condestável de França, Bertrand Duguesclin, deixara ao arbítrio do seu prisioneiro a fixação da soma a exigir como resgate para sua libertação. O Cavaleiro de Duguesclin, porém, convicto da sua importância, fixou uma verba tão elevada que os seus amigos se viram seriamente embaraçados para reunir. Esta fórmula, primitiva e bárbara talvez, situa-se, contudo, dentro das cláusulas rígidas do código da cavalaria. Não oferecia quaisquer escrúpulos aos vencedores, nem repugnava os vencidos. Era assim e aceitava-se como era. Hoje semelhantes processos, além de anacrónicos, assumem um carácter particularmente violento e criminoso, situando-se à margem de todas as leis. Não representam a inevitável consequência da vitória dos tempos medievais,

mas a força obscura e pérfida dos vencidos, a manifestação de um primitivismo inqualificável que, na impossibilidade de atingir seus fins, exerce sobre terceiros, geralmente alheios às suas próprias causas, a pressão ilícita de uma alternativa anacrónica e criminosa: a bolsa ou a vida.

Todavia, o mais grave ainda é que, embora repudiada pelo bom senso e condenada pela civilização, a sua acção é não raras vezes aproveitada em muitos lugares e circunstâncias, como plataforma de consequências favoráveis aos inconfessáveis intentos de muitos responsáveis. E não menos dolorosos e trágico é para o mundo a incessante busca de uma fórmula de le-

«Continua na 4.ª página»

5.ª COLUNA

Desculpe, Leitor. Há ocasiões, todavia, que não podemos dispensar de nos regozijarmos. Por outra via: como eu, está habituado a cumprimentos cerimoniosos de homenagem em banquetes, numa assembleia, com os circunstâncias a curvarem-se mutuamente, confundem-se, naturalmente, na linha de exageros expandidos pelo bom Amigo confesso «J. M.».

Perdôe-lhe! Leitor, que eu não devo, pelo muito que deve a tais exageros.

Tive a ideia de protestar, dentro da minha acrisolada admiração pelo que se fez em Amares, respeitadamente ao fulcro educacional processado, acerca da Escola Preparatória, o que, aliás, condiz com tudo que admiro relativamente no surto progressivo desse centro concelhio. Logo, alguém se dignou elevar ao transepto a

Continuana 4.ª página)



«Tribuna Livre» deseja a todos os seus colaboradores, assinantes e leitores um Natal Feliz e um Ano Novo muito próspero.

- Perfeição e Amor -

Sonho que sou levado à desfilada,
Através duma imensa solidão,
Ao palácio ideal da Perfeição,
Que brilha numa alvura imaculada.

«Entra», diz o meu guia de jornada,
«Tu que aspiras ao belo sem senão
Vem saciar, enfim, teu coração,
Ficando a residir nesta morada!»

Transponho, a custo, as portas majestosas,
Pondo os olhos no chão, para ocultar
Duas ardentes lágrimas saudosas

Dessa terra imperfeita e de pesar,
Onde havia um banquinho entre rosas,
Em que nos costumávamos sentar.

**Telefone dos Serviços dos
Bombeiros V. Amares 62162**

ANEDOTAS

A cena passa-se na estação do Rossio.

Um cavalheiro chega-se a um guiché e diz para o empregado:

—Dê-me um bilhete.

—Para onde?

—Para o comboio.

—Mas para onde?

—Para a 2.ª classe...

—Está bem, mas onde vai?

—Vou ao enterro do meu avô.

—O que eu quero dizer é a terra.

—A do meu avô, ou a minha?

—Essa, onde se faz o enterro!

—O meu avô não vai para a terra: vai para jazigo de família.

—Não é isso que eu lhe pergunto: eu quero saber é o nome da terra, da vila, da aldeia, para onde o senhor vai.

—É uma cidade, não é uma aldeia.

—E como se chama?

—Quem? Eu?

.....

—C Empregado desmaiou!

* * *

O Narrador:

—E quando vi o fantasma, arrepiaram-se-me os bigodes...

Era totalmente careca, o narrador...

Telefones para serviços DE URGÊNCIA

Casa de Saúde de Amares	62122
Farmácia Pinheiro Manso	62127
Guarda Nacional Republicana	62115
Farmácia Marques Rêgo	62121
Doutor Eduardo Gonçalves (Médico)	62145
Doutor José Fernandes Médico Amares	62122
Doutor João de Sousa Fernandes (Médico B. S.Mta.)	62163
Bombeiros Voluntários de Amares	62162

EM BRAGA

PREFIRA

RESTAURANTE AVENIDA

DE

Eugénia Ferreira de Oliveira Machado

Manuel Gomes Machado

Almoços, Jantares, Serviço de Casamento

e à Lista

Avenida Central, 131—Telefone 24357—Braga

CALAFRIO

Continuado do número anterior)

cou com toda a simplicidade. «Mas eu não sabia que eles o iriam dizer.

—Os professores? Não disseram—nunca o disseram. E, por isso mesmo, que eu o estou a interrogar.»

De novo voltou para mim o seu lindo rosto febril.

«Sim, eram coisas muito más.

—Muito más?

—Eram tão más que se não podiam mandar dizer para casa.

E-me impossível explicar as delicadas e trágicas contradições que um tal orador dava a um tal discurso; apenas sei ter-me ouvido a mim própria momentos depois irromper num grosseiro impeto:

«Tretas!» Mas, logo a seguir, devo ter dito, bastante severa:

«Que coisa dizia o menino?»

A minha severidade era toda por causa do juiz que o espiava do seu carrasco; isso fê-lo, no entanto, desviar-se de mim novamente, e esse movimento levou-me a dar um salto, direito a ele, num irreprimível grito.

Ali, de novo contra a vidraça, como para improficualizar a confissão de Miles e o impedir de qualquer resposta, estava presente o odioso responsável de todas as nossas desgraças—a branca face do malvado. Senti como que uma agoniada vertigem perante o desagregar-se da minha vitória e a perspectiva de uma renovada luta. Eis porque a ferocidade do meu salto servia apenas para me denunciar. No meio do meu salto, vi-o procurá-lo, como por adivinhação, e, graças ao pressentimento de que Miles, mesmo agora, apenas desconfiava e de que a janela continuava ainda deserta para os olhos dele, deixei que o meu impulso flamejasse para que o seu máximo desfalecimento se transformasse na verdadeira prova da sua libertação.

«Nunca mais, nunca mais, nunca mais!» gritei eu, enquanto procurava apertá-lo de novo contra mim, afastando-o do espectro.

«E' ela que aqui está?» arquejou Miles, enquanto procurava, de olhos selados, a direcção das minhas palavras. Depois, como o seu estranho «ela» me fizesse combatear, num hausto exclamei:

«Miss Jessel, Miss Jessel!» grito este que Miles, numa fúria

súbita, repetiu

Apreendi, estupefacta, a suposição dele — a dedução do que nós havíamos feito a Flora, e isto fêz-me apeteecer mostrar-lhe que aquilo ainda não era tudo.

«Não é Miss Jessel! E' ela, ali à janela — ali, diante de nós. Está ali — aesse miserável cobarde, e pela última vez!»

Nisto, após um segundo durante o qual a cabeça se lhe agitou como a cabeça de um cão que perde o rasto do dono e que dá um salto, furioso, em busca de ar e luz. Miles atira-se a mim; numa raiva branca, desnorreada, Jardejando vãos olhares furibundos para o local indicado, completamente incapaz de achar o que procurava, embora, naquele momento, eu sentisse que a sala se enchia, com um sabor a veneno, graças a essa mesma imensa e opressora presença.

«E' ele?»

Tão resolvida estava a tomar posse de todas as minhas provas que, rápida como um relâmpago, me fiz gelo para o desafiar:

«Que é que esse «ele» significa?»

— Peter Quint — seu demónio!» Miles lançou de novo, em torno da sala, uma súplica convulsa. «Onde está ele?»

Ainda tenho nos meus ouvidos o tom da sua suprema renúncia ao confiar-me aquele nome, tributo da minha devoção.

«Que importância tem ele agora, meu filho? — de hoje para o futuro que importância tem isso? O menino, agora, é meu,» lancei à fera, «mas ele perdeu-o para sempre.»

Depois, como para experimentar a minha obra:

«Ali, ali!» disse para Miles.

Mas ele já olhava em roda; de um salto, cravara os olhos, dardejara fogo outra vez, e nada mais vira além do agreste dia.

Tão vaidoso me sentia com a minha vitória que, quando ele soltou um grito de criatura lançada a um abismo, lhe lancei um puxão, como se o tivesse apanhado na queda.

Sim, apanhei-o segurei-o, imagine-se com que paixão; mas, momentos depois, comecei a compreender o que tinha nas mãos. Ali estávamos sòzinhos em frente daquele tranqüilo dia, e o coraçãozinho de Miles liberto, parado para sempre.

FIM

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

NATAL DOS POBRES

Natal! Está um dia fresco de neblina inserta. Para lá as árvores despidas não bolem. A vida parou. As nuvens mudam a esta hora o rosto pelas encostas pedregosas dos montes. Não se houve um grito das almas piedosas. Tudo na natureza se concentrou e souha com a solenidade do dia. Há, no entanto, um grande rio revoltado, que nunca cessa de correr.

Longe, pelos camiuhos, através dos pinheiros cismáticos, calados, vão velhinhos tristes, para consoar nessa noite com os filhos. Andam, tropegos, léguas e léguas. As suas mãos calosas, as caras enrugadas, aonde as lágrimas abriram sulcos, os olhos tristes contam o que tem passado na vida. Os cavadores deixaram os arados mortos nos campos que a chuva alaga. O vinho de hoje conforta como as lágrimas choradas, pelas nossas desgraças; o lume de hoje aquece, como o amor das nossas mães.

Nos Soutos, sob a chuva que cai mansa e continuada, andam pobresinhos que não tem lenha, a arrancar raízes esquecidas, para se aquecerem. Deus os tenha na Sua mão de Pá! Partem chegam, vem de muito longe para verem os seus meninos, matando saudades. O velhos que tem atrás de si uma vida de martírio e fome, dizem: É hoje o maior dia do ano. Na lareira arde o canhoto. Cai a neve, a cozinha negra e fuligenta de telha vã, mas as almas sentem-se aquecidos, agasalhados pelo amor de Deus Menino. Por um buraco vêm as estrelas no firmamento Celeste. Ao estalido das pinhas, abafadas na cinza, repartem o pão que é o suor do seu rosto, bebem o vinho que as suas mãos cortaram. Sentam-se ao lume e as brasas vão se extinguindo como uma alma que vai deixar de existir. O lume apaga-se. Deita-lhe canhotos. O lume apaga-se, e as sombras da noite, em revoadas, vem exaltar-nos, atentos a ouvir os gemidos plangentes pelo sofrimento cansado pelos auzentes queridos que esperamos encontrar no Reino da Glória e com Deus lá nas alturas.

Casamento Elegante

No templo do Sameiro Casaram no domingo passado a menina Luzia Machado da Silva, da freguesia de Prozello com o sr. Paulo Lopes de Andrade, da freguesia de Ferreiros (Feira Nova).

O acto religioso teve a presença do Pároco de Ferreiros

P.re Albino Fernandes Alves e de muitos convivas que se trata de famílias muito estimadas. No restaurante Milho Rei foi servido o almoço que já criou justificada fama pela confecção das comidas que servem, destinação do pessoal que serve e modicidade que apresenta.

Tribuna Livre deseja aos noivos uma perene Lua de Mel.

Desastre Brutal em Lago

Pode-se chamar brutal um desastre de automóvel quando o excesso de velocidade é que o provoca. O desastre ocorrido na freguesia de Lago, por se tratar de pessoas conhecidas no concelho e todas no vigor das suas juventudes, não deixou de ser lamentado, mormente quando são pessoas conhecidas e amigas que acompanhavam um familiar residente em França e que veio à terra gosar as festas do Natal. A Tribuna Livre dispensa-se de repetir o acontecimento com o relato circunstanciado das pessoas envolvidas no triste acontecimento e limita-se a apresentar às famílias das victimas as suas condolências e aconselhar a quem guia automóveis, muita prudência se tem amor à vida e à das pessoas.

Octávio Machado

Os Amarenses que conheceram o Sr. Octávio Machado na Repartição de Finanças, ficaram surpreendidos com a morte prematura desse querido amigo que actualmente chefiava a Repartição da Póvoa de Varzim depois da sua passagem pela de Vila Verde. O funeral foi concorridíssimo no cemitério da sede do concelho aonde o corpo chegou da Póvoa de Varzim com grande acompanhamento.

À distinta família dorida «Tribuna Livre» apresenta sentidos pêsames.

BOAS FESTAS

Desejo a todos os leitores e amigos um Feliz Natal e um Ano Novo cheio de prosperidade.

— Por —

Elísio Gonçalves

Carrzedo Amares

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Amanhã, dia 24, a sra. Maria da Assenção Vieira Vitoriano.

No dia 25 o sr. Aníbal do Nascimento Vieira Vitoriano.

No dia 26 o sr. José Bento Antunes e o jovem Nuno Fernando Almeida Barbosa de Macedo.

No dia 27 o sr. António Bernardino Barbosa de Macedo.

No dia 29 a menina Maria da Glória Russell.

No dia 31 o sr. Alberto J. M. Gonçalves.

Neste dia passa também o seu aniversário natalício o sr. dr. Carlos Teixeira de Sousa, nosso estimado assinante.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes que passem um dia feliz e que esta data se repita por muitos anos.

Barreiros

Armindo Cerqueira Machado

No dia 25, segunda-feira, festeja o seu aniversário natalício do jovem atleta do Boilebol de Barreiros, Armindo Cerqueira Machado.

Por tão alegre data, e por talvez ser o último aniversário que festeja junto de nós antes da vida militar, seus familiares e amigos, bem como seu primo, desejam-lhe que passe um dia feliz e que esta data se prolongue por infindáveis anos.

TRIBUNA LIVRE

A Redacção deste «Semanário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviarem as suas notícias e artigos até à quarta-feira.

A Redacção

Telefone dos Bombeiros
de Amares — 62162

Várias Notícias de Caires

Causou profunda e geral consternação, o trágico acidente da morte dos dois irmãos: José Vieira da Silva, solteiro, de 23 anos de idade, e António Alberto Vieira da Silva, de 14 anos, ocorrida na madrugada do passado Domingo dia 17 de Dezembro, junto à escola primária de Lago—filhos muito queridos do Senhor Alberto António da Silva e de Maria Celeste Vieira, família muito considerada e respeitada do lugar da Veiga de Pena, desta freguesia de Caires. O seu funeral, na passada 3.ª feira, provocou gritos lancinantes na família e em toda a numerosa assistência. Eles eram bons rapazes e os pais procuraram sempre educá-los bem. Paz às suas almas e a toda a sua numerosa família, as nossas muito sentidas condolências.

* * * *

Nos dias 30 e 31 de Dezembro do ano corrente, e no dia do Ano Novo de 1973 vai realizar-se uma solene festividade em honra de N.ª S.ª da Guia, que este ano promete ser mais solene do que os anos anteriores. A Comissão, composta pelos Ex.mos Senhores José dos Anjos da Silva Ribeiro, Domingos Fernandes, Luiz Gonzaga Fernandes e outros vogais, têm trabalhado muito, traz nos programas números interessantes e novos; têm já as necessárias licenças canónicas e civis para se realizarem todas as partes do respectivo programa, nomeadamente a imponente e grandiosa procissão que precorrerá e atravessará as nossas Vilas: Feira Nova e Amares, em direcção ao lugar do Freixeiro, anunciando a todos a Paz e o Bem.

C.

Saxofonista aos treze anos

Tem treze anos e é saxofonista da Sociedade Filarmónica de Tomar, o melhor aprediz de música do ano, que acaba de ganhar o «Quarto Concurso de Aprendizagem de Música», promovido pela Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio, de colaboração com a Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho e com a Fundação Gulbenkian.

Trata-se de Carlos Jorge Marques Alves, um dos 13 concorrentes de 8 aos 16 anos, que participaram naquele concurso, encerrado no Palácio Foz, em Lisboa, com a cerimónia da entrega dos prémios aos melhores classificados.

«A RIVAL» — CASA DE PASTO

DE

ERNESTO VIEIRA

Telefone 62247

Especialidade em:

Frango assado — Papas de sarrabulho e Cabrito assado

(Rancho às segundas-feiras)

Todos os dias refeições económicas

Esmerado serviço em:

Casamentos e Baptizados, servidos c/ os melhores vinhos da Região.

Para bem servir, só «A RIVAL»

Rua Marques Rego

F. Nova — Amares

PENINSULAR - AMARES

RESTAURANTE, CAFÉ, PASTELARIA, SNAK BAR

Um dos mais modernos estabelecimentos do género. Abreu as suas portas para servir os queridos amigos e enriquecer o concelho. Para casamentos, batizados e aniversários está preparada para servir com luxo e elegância. Sem que a modicidade nos preços seja o seu ponto de partida.

Felicita na quadra Natalina todos os amigos e clientes a quem deseja um Natal Feliz e um Novo Ano repleto de prosperidade.

CASA VINHAS

[Carrazedo - Amares]

Especialista em frangos assados, café, snak-bar, vinhos especias da região e refeições avulso:

Felicita os seus clientes desejando-lhe Feliz Natal e prospero Ano Novo.

Talho Central (Rendufe)

José Fernandes Araújo

Deseja aos seus estimados clientes *Boas Festas e Feliz Ano Novo.*

A RIVAL Ernesto Vieira

Cumprimenta todos os seus clientes, amigos e fornecedores, desejando-lhes **BOAS FESTAS DE NATAL E PRÓSPERO ANO NOVO.**

DORNELAS

Pedido de Casamento

Foi pedida em casamento para o jovem Senhor Armando Gonçalves Ribeiro, das termas do Gerês, a menina Mavilde do Nascimento Xavier Tinoco, prendada filha do Senhor Ernesto da Silva Tinoco e da Senhora D. Alda Xavier Coelho Tinoco, proprietários do lugar do Outeiro freguesia de Dornelas.

* * * *

ANIVERSÁRIO

No dia 25, dia de Nascimento, completa 25 anos de idade a menina Mavilde do Nascimento Xavier Tinoco, e nesse dia vai festejar os seus anos e a despedida de solteira, com um copo de água oferecido ás suas amigas. Parabéns e felicidades ao novo lar.

J. C.

Telefone dos Bombeiros
de Amares 62162

Página Humana

Conto de Natal

(Continua na 4.ª página)

gama de bem, de mal, de anátemas, de júbilo, de repulsa, unidamente ao profundo desprezo que as almas superiores votam ao seu Destino e à conjugação do verbo Viver.

Aurora tivera escrito nesse dia de 24 de Dezembro, em que esteve detida e eu a vi entre dois polícias, a página mais bela da sua histórica existência. Embebedara-se propositamente para, numa linha estrambelhada de distúrbios, ser presa. E foil

Chegado ao Aljube pagou um «reservado» e pediu licença para «consoar» com outras desgraçadas que aguardavam julgamento (como ela teve de aguardar) para o dia 26 de Dezembro, pois a 25 era Natal e os tribunais estavam encerrados. Mandou vir dum restaurante, ceia para seis pessoas e, naquele quarto reservado do Aljube, sob um crucifixo de prata que sempre a acompanhava, recordou, entre as suas cinco convidadas, toda a gama dos seus anos de menina, da sua infância, das suas tranças que, com 15 anos, mandara cortar para agradecer ao seu Nêlito.

Página humana, sinceramente cristã, de uma depravada pela crápula da Vida, íntegra, virtuosa, lídima, branca como jaspe, na penumbra sacrosanta do amor do próximo, na ansiosa conquista do bem do semelhante, como era o dessas raparigas que passaria uma noite de Natal sem arrimo de afeição, num frio cárcere, se não fora o humaníssimo, o imenso sentimento do um coração dilacerado pelas maiores vicissitudes.

Aurora já morreu. E este canto, extraído do nosso «tête-à-tête» invernos de fim de ano, é a reposição de uma alma que Deus, na sua infinita misericórdia, deve ter arrecadado na noite de Consoada, que Aurora trasmudou em festim no humilde cárcere, entre cinco raparigas marcadas pelo Destino com a sua indelével indiferença..

MILITÃO PORTO

Leia

Propague e assine

«Tribuna Livre»

Contrastes e Contradições

(Continuado da 1.ª página)

gitimidade para actos que, pela sua marginalidade moral e social, deviam obter sempre e em toda a parte voto unânime de condenação e repúdio.

Nem só de raptos e sequestros criminosos, porém, vive o mundo de hoje. Nos domínios dos negativismos da época que vivemos, povoada de excessos, plena de insegurança individual e colectiva assume particular acuidade o problema da liberdade pessoal. Em certas cidades, em países que alcançaram os mais altos índices de liberdade individual, a ponto de se confundir frequentemente liberdade com anarquia, torna-se arriscado sair à rua, de noite. Os riscos que semelhante aventura implica podem ir de simples assalto e roubo à perda da própria vida. Estranho conceito de liberdade este, que retira ao mais pacífico cidadão o direito de atravessar um parque a certas horas, de assistir a um espectáculo de noite, ou simplesmente de dar um passeio tranquilo e repousante à luz da Lua! Será esta a «liberdade» por que morreram mais de cinquenta milhões de pessoas na última guerra? É esta a «liberdade» que os povos altamente desenvolvidos têm para nos oferecer?

Certamente que não. Tudo isto resulta, assim o eremos, de uma evidente falta de autoridade, da contemporização ingénua com certas formas de vivência e conduta, na ilusória convicção de que combatê-las significaria contrair as chamadas liberdades fundamentais.

A liberdade não é apenas um direito. E, acima de tudo, um dever. As responsabilidades decorrentes da conquista da «carta de alforria» colocam o homem numa situação delicada, na adopção de uma forma de conduta cívica respeitável. Para isso, não pode cruzar os braços nem fechar os olhos perante o que se passa à sua volta. A ironia das expressões, o insólito dos gestos, a soberberia das atitudes, um quase desdém pelo próximo, apoiados numa convicta impunidade, verificáveis em certas camadas jovens, constituem, em nosso entender, gritantes perspectivas de situações deploráveis, que urge combater, contrair, excluir das sociedades civilizadas, para que as condições de respeito pelo indivíduo e pelos seus direitos, criados pela própria civilização, tornem inoperantes quaisquer formas de acção contra o próprio indivíduo, reduzindo ao mínimo possível o campo de actuação da delinquência.

Um estado de direito não pode de modo algum trans-

formar-se numa máquina de perseguição individual. Mas, por outro lado, não pode nem deve aceitar resignadamente, a evolução de fenómenos tendentes à decomposição do corpo social e colectivo que dirige. O exercício da autoridade jamais poderá ser entendido como uma forma de violência pública, dado que as rozões que o inspiram e o impõem se filiam na defesa da moral social e na manutenção da ordem pública, indispensáveis ao desenvolvimento de qualquer colectividade dita civilizada.

5.ª COLUNA

(Continuado da 1.ª página)

minha dignidade intelectual. Pobre dignidade!..

Não me lamento! Só me custa ter de vir à liça, em dissídio com a minha confusão. E explica-se. Mal conheço Amares. Na peregrinação de largos anos através de Portugal e da Europa conheço terras ao desbarato. E Amares esteve — perdõem-me o termo — ao desbarato. Mas, a esperança não faltara e tornou-se realidade, quando o surto do Progresso surgiu, de há dois anos a esta parte.

Por isso mesmo me insurtei contra a modéstia dos homens bons dessa terra, entre os quais, pelo que li, está incluído o meu *bom amigo* confesso que, confesso, não descortino pela sigla. Não queria ele amofinar-se sob o meu raciocínio. Se o fiz, foi por amor a um passo de espera longo que foi dado em meia dúzias de léguas. E êsse não-de agradecer os estudantes de hoje que amanhã serão homens de Amanhã.

Continuo a pedir desculpa ao Leitor, mas o Jornal, no seu número de 9 do corrente por desdita, referiu-se demasiadamente à 5.ª COLUNA e, portanto, tenho de deixar aqui expressivamente mais um agradecimento ao nosso Confrade. Elísio Gonçalves, que, *outro que tál* também se dignou exagerar, apodandome de Grande, ao augurar Boas Festas neste ano da graça de 1972. Mas fiquei a saber da sua generosidade quando me encontrar abraçame. Cuidado, Confrade, que sou um franganote e abraçado, talvez, por um atleta, fico com os ossos num feixe. Vale-me traze-los numerados...

E até à semana, Leitor, quem, como aos meus distintos admiradores, auguro uma Festa Maior com felicidade e alegria.

EME ABRIL